

Lembranças dos tempos de UFMG

*Nilson Naves*³

Era a última prova do vestibular – prova oral. Disso não me esqueço nunca. Jamais a cena se apagou da minha memória: os examinadores (Edgar Godoi, Lydio Machado e Lourenço), as perguntas, a palpitação do momento... Sairiam os resultados finais ainda naquela noite. Terminei a prova e fui ao cinema, ao Guarani, ao lado da Faculdade. Era filme francês – *Les*

Amants. Se me lembro do nome? E como me lembro; das cenas, não, até porque a minha cabeça estava toda ela voltada à proclamação, daí a pouco, dos resultados finais do vestibular – emoção que não se repete! Voltando, pois, à sala de entrada da Faculdade, foi com anormal pulsação, de angustiado que estava, que me vi realizado ao ver o meu nome entre os dos aprovados. Iniciava-se, naquele momento, entre abraços e apertos de mãos, também entre expressivos hurras, tamanha a felicidade, a viagem de todos – e que viagem! –, a minha principalmente, por esse fascinante fenômeno que se denomina Direito. O que sou e fui e

1 Graduado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, na Turma de 1966. Ocupou cargos de magistratura no Ministério Público do Estado de São Paulo (entre 1969 e 1985), no Tribunal Federal de Recursos (entre 1985 e 1989), no Superior Tribunal de Justiça (entre 1989 e 2010) e no Tribunal Superior Eleitoral (entre 1995 e 1998). É advogado e parecerista.

ainda o serei devo, em bom tamanho, a minha Escola – a Casa de Afonso Pena.

Naqueles anos, se fui atrevido e desobediente – suponho que sim –, irreverente e reformador fui de igual forma, ativista e inconformado também fui, fui e sou. Sou porque, até hoje, quando defendo, como defendi no Superior Tribunal, medidas sociopolíticas menos gravosas, vejo-me de volta, irreverente e reformador, ativista e inconformado, aos bancos acadêmicos e me lembro da minha participação nos movimentos de então: a greve por um terço de representação dos alunos na Congregação; as eleições do Centro Acadêmico (eu, primeiranista, fui escolhido, entre tantos alunos, candidato à vice-presidência na chapa da UDU-FAR, mas perdemos a eleição); a minha escolha, depois, para representar os alunos na Congregação; as reformas econômico-políticas, às quais todos nos dedicamos de corpo e alma; os acalorados debates políticos; o clube de oratória; a intensa participação nos diversos acontecimentos da Escola e da política de modo geral. Ficou de tudo um pouco.

É claro que meus tempos de UFMG não cabem nestas aligeiradas

linhas. Fui breve em falar dos fatos que me marcaram naqueles anos que não tive pressa de viver. Se tivesse de resumir minha passagem por lá, eu diria que fui do grupo dos sonhadores. Naqueles tempos, tivemos motivo de indignação, mas não perdemos a esperança, tornamo-nos, lá, indignados, e ainda há, hoje, motivo de indignação. Sonhamos tanto que realizamos os sonhos: mudamos os costumes, alteramos o Brasil, ajudamos a mudar o mundo, o mundo... Por que não o mundo? Não foi atrevimento. É realidade. Que tenhamos todos, na fértil lembrança de Stéphane Hessel, em seu *indignez-vous!*, o nosso motivo de indignação.